REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TEA: A IMPORTÂNCIA DAS METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS

THE ROLE OF TEACHERS IN THE LEARNING PROCESS OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD): THE IMPORTANCE OF PEDAGOGICAL METHODOLOGIES

Ciências Humanas • 20/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794922527

Luíza Andrielly Santos Martins[1]

Leyce Amanda Carrijo[2]

RESUMO

Este artigo discute o papel do professor no processo de aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com ênfase nas metodologias pedagógicas que podem favorecer a participação, a interação e a construção do conhecimento no contexto escolar. O texto aborda a mediação pedagógica e as relações entre aprendizagem e desenvolvimento, dialogando com contribuições de Vygotsky, Piaget, Libâneo e Zilma de Oliveira. Também discute a educação inclusiva, o planejamento flexível, o uso de recursos visuais, a organização da rotina, a adaptação de materiais, a valorização dos interesses da criança e a colaboração entre escola, Atendimento Educacional Especializado (AEE) e família. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, a partir das obras teóricas mencionadas no texto-base. A discussão indica que não existe uma metodologia única capaz de responder às necessidades de todas as crianças com TEA. A atuação docente exige observação contínua, intencionalidade pedagógica, avaliação processual e revisão das estratégias conforme as respostas e potencialidades de cada estudante. Conclui-se que a inclusão efetiva depende não apenas do acesso à escola, mas também da criação de condições para participação, aprendizagem e desenvolvimento da autonomia.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Educação inclusiva; Prática docente; Metodologias pedagógicas.

ABSTRACT

This article discusses the teacher’s role in the learning process of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), emphasizing pedagogical approaches that may support participation, interaction, and knowledge construction in school. It addresses pedagogical mediation and the relationship between learning and development,

drawing on contributions by Vygotsky, Piaget, Libâneo, and Zilma de Oliveira. The article also discusses inclusive education, flexible planning, visual supports, classroom routines, adapted learning materials, children's interests, and collaboration among the classroom teacher, specialized educational services, and family. This is a qualitative bibliographic study based on the theoretical works mentioned in the original text. The discussion indicates that no single method can meet the needs of every child with ASD. Teaching requires ongoing observation, intentional planning, continuous assessment, and adjustments based on each student's responses and strengths. It concludes that meaningful inclusion involves not only access to school but also the creation of conditions for participation, learning, and autonomy.
Keywords: Autism Spectrum Disorder; Inclusive education; Teaching practice; Pedagogical approaches.

1. INTRODUÇÃO

A educação constitui um espaço fundamental para o desenvolvimento infantil, pois possibilita a construção de conhecimentos, a convivência social e o desenvolvimento de diferentes habilidades. Nesse contexto, a escola inclusiva tem o desafio de garantir que todos os estudantes participem das atividades escolares e tenham oportunidades de desenvolver suas potencialidades, considerando suas características, necessidades e diferentes formas de aprender.

Entre os estudantes que fazem parte do contexto escolar estão as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que podem apresentar diferentes formas de comunicação, interação social e participação nas atividades. Por isso, o trabalho pedagógico precisa

considerar as particularidades de cada criança, evitando práticas padronizadas e buscando estratégias que favoreçam sua participação e aprendizagem.

Nesse sentido, o professor desempenha um papel fundamental, pois sua atuação pode contribuir para a construção de um ambiente escolar mais acessível, acolhedor e significativo.

Recursos visuais, atividades estruturadas, brincadeiras, organização da rotina, adaptação das propostas e diferentes formas de participação são algumas possibilidades que podem favorecer o envolvimento da criança no processo educativo.

A discussão sobre o papel do professor e sobre as metodologias pedagógicas é relevante para compreender de que maneira a prática docente pode contribuir para uma educação inclusiva. As contribuições de Vygotsky, Piaget, Libâneo e Zilma de Oliveira permitem discutir diferentes aspectos da aprendizagem e do desenvolvimento infantil, especialmente a importância das interações, da construção do conhecimento e das experiências vivenciadas pela criança.

A produção científica específica sobre inclusão escolar de crianças autistas também contribui para delimitar o problema de pesquisa. Cabral e Marin (2017), em revisão sistemática, identificaram diferentes temas investigados na literatura nacional e internacional, evidenciando a complexidade do processo de inclusão e a necessidade de considerar as condições concretas de escolarização.

Diante disso, este artigo tem como objetivo geral analisar o papel do professor no processo de aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista, considerando a importância das metodologias

pedagógicas para favorecer a participação, a interação e a aprendizagem no contexto escolar. Como objetivos específicos, busca-se compreender a relação entre desenvolvimento, aprendizagem e mediação pedagógica; discutir a educação inclusiva e a escolarização de crianças com TEA; analisar a atuação docente; identificar estratégias pedagógicas que favoreçam a participação dessas crianças; e refletir sobre os desafios encontrados pelos professores na construção de práticas inclusivas.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo caracteriza-se como um estudo qualitativo de natureza bibliográfica. A discussão foi organizada a partir das contribuições teóricas de Vygotsky, Piaget, Libâneo e Zilma de Oliveira, mobilizadas no texto-base para refletir sobre aprendizagem, desenvolvimento infantil, mediação pedagógica e organização das práticas educativas. O percurso consistiu na leitura temática dessas contribuições, articulando-as aos eixos da educação inclusiva e das estratégias pedagógicas voltadas à participação de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Por se tratar de uma discussão teórica, o artigo não apresenta coleta de dados com participantes nem resultados empíricos. A análise do material foi organizada por eixos temáticos, articulando aprendizagem, mediação pedagógica, educação inclusiva e estratégias de ensino.

Para ampliar a fundamentação específica sobre TEA, foram incorporados à discussão quatro artigos científicos publicados entre 2017 e 2025, selecionados por sua pertinência temática: uma revisão sistemática sobre inclusão escolar (Cabral; Marin, 2017), um estudo

qualitativo com professoras dos anos iniciais (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020), uma revisão integrativa sobre educação inclusiva (Santos Filho; Castelo Branco, 2023) e uma análise de práticas realizadas no AEE (Finatto; Schmidt, 2025). As publicações foram utilizadas como apoio à discussão temática, sem pretensão de constituir uma revisão sistemática própria.

3. APRENDIZAGEM, DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

3.1. Mediação Pedagógica e Construção do Conhecimento

A compreensão do processo de aprendizagem infantil exige considerar que a criança não aprende de maneira isolada. O desenvolvimento acontece por meio das experiências, das relações sociais, das interações com outras pessoas e das oportunidades oferecidas pelo ambiente em que está inserida.

As contribuições de Vygotsky são importantes para compreender a relação entre aprendizagem, desenvolvimento e interação. Em sua perspectiva, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores está relacionado às experiências sociais e culturais vivenciadas pelo indivíduo. Assim, o contato com outras pessoas e a mediação realizada durante as atividades podem favorecer a construção de novos conhecimentos.

Para Vygotsky (1998), a aprendizagem apresenta uma dimensão social, sendo construída por meio das relações estabelecidas pela criança com outras pessoas e com o ambiente. Dessa maneira, o professor exerce uma função importante no processo educativo, pois pode organizar situações de aprendizagem que possibilitem à criança avançar em suas possibilidades.

No caso das crianças com TEA, essa compreensão é especialmente importante, pois o professor precisa observar como cada criança se comunica, interage, participa das atividades e demonstra aquilo que aprendeu. A partir dessa observação, pode planejar intervenções mais adequadas e oferecer diferentes possibilidades para que a criança participe do processo de aprendizagem.

A mediação pedagógica não significa realizar as atividades pela criança, mas oferecer condições para que ela desenvolva gradualmente sua autonomia. O professor pode utilizar perguntas, orientações, demonstrações, recursos visuais, materiais concretos e atividades práticas para auxiliar a criança na construção do conhecimento.

A interação com os colegas também pode representar uma importante possibilidade de aprendizagem. Atividades realizadas em duplas ou pequenos grupos podem favorecer a comunicação, a cooperação e a participação social, desde que sejam planejadas considerando as características e necessidades dos estudantes.

Dessa forma, o professor atua como mediador entre a criança, o conhecimento e o ambiente escolar. Sua função não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve a criação de oportunidades para que cada estudante participe, experimente, desenvolva habilidades e construa conhecimentos de acordo com suas possibilidades.

3.2. Contribuições de Piaget para a Compreensão da Aprendizagem

As contribuições de Jean Piaget também auxiliam na compreensão do desenvolvimento infantil e da construção do conhecimento. Em

sua perspectiva, a criança participa ativamente do processo de aprendizagem, construindo conhecimentos a partir das experiências e das interações estabelecidas com o meio.

A obra Psicologia e Pedagogia discute a relação entre os conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil e as práticas educativas, destacando a importância de considerar as características da criança na organização do ensino. Essa perspectiva contribui para pensar uma prática pedagógica que não considere a criança apenas como receptora de informações, mas como participante ativa de seu processo de aprendizagem.

Nessa direção, o professor deve criar situações nas quais a criança possa explorar, experimentar, observar, comparar e construir significados. No trabalho com crianças com TEA, esse princípio reforça a necessidade de respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem. Nem todas as crianças aprendem da mesma maneira ou demonstram seus conhecimentos utilizando os mesmos recursos. Por isso, é importante oferecer atividades diversificadas e permitir diferentes formas de participação.

A utilização de materiais concretos, jogos, brincadeiras, imagens, objetos e experiências práticas pode tornar os conteúdos mais compreensíveis e favorecer a participação da criança. Essas estratégias também podem contribuir para que a aprendizagem esteja relacionada às experiências concretas vivenciadas no cotidiano escolar.

Assim, as contribuições de Piaget ajudam a compreender a importância de considerar a criança como participante ativa de seu processo de aprendizagem. No contexto inclusivo, isso significa criar

oportunidades para que cada estudante desenvolva suas capacidades por meio de experiências significativas.

3.3. Educação Inclusiva e Escolarização da Criança com TEA

A educação inclusiva pressupõe que a escola seja um espaço de aprendizagem, convivência e participação para todas as crianças. Nesse contexto, pensar na escolarização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) significa reconhecer que cada estudante apresenta características próprias e diferentes maneiras de se relacionar com o ambiente, com os colegas e com os conhecimentos.

A inclusão escolar não deve ser compreendida somente como a presença da criança na sala de aula. É necessário que ela participe das atividades, tenha oportunidades de interação e encontre condições que favoreçam seu processo de aprendizagem. Dessa maneira, a escola precisa organizar suas práticas considerando a diversidade existente entre os estudantes.

Em revisão da literatura, Cabral e Marin (2017) mostram que a inclusão escolar de crianças com TEA envolve diversos aspectos investigados, incluindo experiências e desafios do contexto educacional. Essa diversidade de questões reforça que o debate não deve se restringir à matrícula, mas abranger a organização de práticas e condições de participação e aprendizagem.

As contribuições de Vygotsky auxiliam nessa compreensão ao destacar a importância das relações sociais e da mediação para o desenvolvimento. A criança aprende nas relações que estabelece com outras pessoas e com o ambiente, sendo o professor um importante mediador nesse processo. Assim, a interação com

professores e colegas pode contribuir para a construção de conhecimentos e para o desenvolvimento de diferentes habilidades.

No caso da criança com TEA, o professor precisa observar suas formas de comunicação, seus interesses, suas dificuldades e suas potencialidades. Essa observação permite compreender quais estratégias podem favorecer sua participação nas atividades escolares.

A inclusão também exige que o professor esteja disposto a modificar sua prática quando perceber que determinada estratégia não está contribuindo para a aprendizagem. Dessa maneira, a flexibilidade torna-se uma característica importante da prática pedagógica inclusiva.

As atividades coletivas também possuem grande importância. Trabalhos em duplas, pequenos grupos, rodas de conversa, jogos e brincadeiras podem favorecer a interação entre as crianças. Entretanto, essas atividades precisam ser planejadas de modo que a criança com TEA tenha condições reais de participar.

Nesse sentido, a inclusão escolar está diretamente relacionada à forma como o professor organiza as experiências de aprendizagem. Quando a prática pedagógica considera as características dos estudantes, torna-se possível criar diferentes caminhos para que todos possam aprender.

4. O PAPEL DO PROFESSOR E AS METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS

O professor exerce papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois é responsável por planejar, organizar e desenvolver situações que possibilitem a construção do

conhecimento. Para Libâneo (1994), o trabalho pedagógico envolve planejamento, definição de objetivos, seleção de conteúdos, organização das estratégias de ensino e avaliação.

No trabalho com crianças com TEA, esses elementos precisam ser pensados de maneira flexível. O professor deve estabelecer objetivos de aprendizagem e, ao mesmo tempo, considerar diferentes formas para que os estudantes possam alcançá-los.

O planejamento é uma das principais ferramentas do professor. Por meio dele, é possível antecipar as atividades, organizar os materiais, pensar nas estratégias e prever possíveis adaptações. Um planejamento cuidadoso permite que o professor esteja mais preparado para atender às diferentes necessidades encontradas na sala de aula.

Weizenmann, Pezzi e Zanon (2020) investigaram as experiências de quatro professoras dos anos iniciais que tinham estudantes com TEA em suas turmas. As participantes relataram sentimentos iniciais de medo e insegurança, posteriormente modificados ao longo da adaptação, e descreveram adequações pedagógicas orientadas pelas características de cada estudante. Por envolver um grupo pequeno, esse estudo não permite generalizações, mas contribui para compreender desafios cotidianos da prática docente.

Uma das possibilidades metodológicas é a utilização de recursos visuais. Imagens, desenhos, cartões, objetos e sequências visuais podem auxiliar na compreensão das atividades e facilitar a organização da rotina.

Finatto e Schmidt (2025) analisaram registros em vídeo de 43 atendimentos educacionais especializados envolvendo oito

estudantes com TEA e identificaram práticas relacionadas à literatura sobre intervenções baseadas em evidências, entre elas apoio visual, modelagem, análise de tarefas, intervenção mediada por pares e comunicação alternativa e aumentativa. Esses achados ajudam a exemplificar recursos de planejamento pedagógico, sem significar que todas essas estratégias sejam apropriadas a todos os estudantes ou que o estudo tenha comprovado sua eficácia em classes comuns.

A rotina estruturada também pode favorecer a participação da criança. Quando ela consegue compreender a sequência das atividades que serão realizadas, pode apresentar maior segurança para participar das propostas. O professor pode utilizar imagens ou outros recursos para apresentar a rotina de maneira acessível.

As atividades práticas e os materiais concretos também podem contribuir para a aprendizagem. Ao manipular objetos, observar, comparar, organizar e experimentar, a criança pode estabelecer relações entre aquilo que está aprendendo e suas experiências concretas.

Essa perspectiva pode ser relacionada às contribuições de Piaget, para quem a criança participa ativamente da construção do conhecimento. Dessa maneira, o professor deve proporcionar situações nas quais ela possa explorar o ambiente e construir conhecimentos por meio de suas experiências.

Os jogos e as brincadeiras também podem ser utilizados como recursos pedagógicos.

Principalmente na infância, o brincar constitui uma importante forma de interação e aprendizagem. Por meio de brincadeiras, o

professor pode trabalhar conteúdos, comunicação, interação social, coordenação motora, atenção e diferentes habilidades.

Zilma de Oliveira destaca a importância das interações e das brincadeiras no desenvolvimento infantil. A organização do ambiente e das experiências oferecidas às crianças também faz parte do trabalho pedagógico. Dessa forma, o professor pode utilizar o espaço, os materiais e as brincadeiras de maneira intencional para favorecer a aprendizagem.

Outra estratégia importante é a adaptação das atividades. Adaptar uma proposta não significa retirar da criança a possibilidade de aprender determinado conteúdo, mas encontrar uma forma mais adequada de apresentá-lo.

Por exemplo, uma atividade que envolva identificação de letras pode ser apresentada utilizando imagens, letras móveis, objetos e materiais concretos. Dessa maneira, o professor mantém o objetivo da aprendizagem, mas oferece diferentes possibilidades de participação.

As instruções claras e objetivas também podem facilitar a compreensão. O professor pode dividir uma atividade em pequenas etapas, demonstrar aquilo que precisa ser realizado e verificar se a criança compreendeu a proposta antes de avançar.

Além disso, é importante valorizar os interesses da criança. Quando o professor conhece aquilo que desperta seu interesse, pode utilizar esses elementos como recursos para aproximá-la das atividades pedagógicas.

A avaliação também precisa ser considerada nesse processo. O professor deve acompanhar não apenas o resultado final, mas o percurso realizado pela criança. É importante observar seus avanços, suas dificuldades, sua participação e os recursos que contribuíram para sua aprendizagem.

Portanto, as metodologias pedagógicas precisam ser compreendidas como possibilidades que podem ser adaptadas de acordo com cada estudante. Não existe uma única estratégia capaz de atender igualmente todas as crianças com TEA. O professor precisa observar, planejar, experimentar e reorganizar sua prática sempre que necessário.

5. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PEDAGÓGICOS PARA A APRENDIZAGEM

5.1. Organização da Rotina e Recursos Visuais

A aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige do professor uma prática pedagógica planejada, organizada e sensível às diferentes formas de participação e aprendizagem. Nesse contexto, a organização da rotina escolar constitui um importante recurso para favorecer a compreensão das atividades e proporcionar maior segurança à criança durante sua permanência no ambiente educacional. A previsibilidade das ações contribui para que o estudante compreenda o que acontecerá ao longo do período, quais atividades serão realizadas e quais mudanças poderão ocorrer. A rotina escolar não deve ser compreendida apenas como uma sequência fixa de tarefas, mas como uma forma de organizar o cotidiano de maneira que a criança possa desenvolver gradativamente autonomia e participação. Para

Zilma de Oliveira, o ambiente educacional destinado à infância precisa considerar as necessidades de desenvolvimento da criança, possibilitando experiências significativas e organizadas. Dessa forma, a organização do espaço, do tempo e das atividades pode contribuir para que o estudante participe das propostas pedagógicas de maneira mais ativa.

No caso da criança com TEA, situações inesperadas ou mudanças bruscas na sequência das atividades podem dificultar sua adaptação ao ambiente escolar. Por esse motivo, a utilização de recursos que antecipem acontecimentos pode ser uma estratégia importante. Quadros de rotina, imagens, fotografias, símbolos, cartões de atividades e sinalizadores de transição são exemplos de recursos que podem auxiliar a criança na compreensão da sequência do dia. Os recursos visuais funcionam como elementos de apoio à comunicação e à organização da experiência escolar. Quando o professor apresenta visualmente aquilo que será realizado, a criança passa a ter uma referência concreta para compreender a sequência das atividades. Por exemplo, uma rotina pode apresentar imagens correspondentes aos momentos de chegada, roda de conversa, atividade pedagógica, lanche, recreação e saída. Ao visualizar essa sequência, o estudante pode compreender melhor a organização do período escolar.

Essa prática também pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia. Ao longo do tempo, a criança pode aprender a consultar a própria rotina para identificar qual atividade está sendo realizada e qual será a próxima. Assim, o recurso visual deixa de ser apenas uma ferramenta utilizada pelo professor e passa a constituir um apoio para que o próprio estudante participe da organização de suas ações. A perspectiva de Vygotsky contribui para compreender a

importância da mediação nesse processo. O desenvolvimento da criança ocorre nas relações estabelecidas com outras pessoas e com o ambiente, sendo a mediação fundamental para que ela avance em suas possibilidades de aprendizagem. Nessa perspectiva, o professor exerce papel essencial ao organizar situações que possibilitem à criança realizar atividades que, inicialmente, necessitam de apoio, mas que podem ser gradativamente desenvolvidas com maior autonomia.

Nesse sentido, o uso de recursos visuais não deve ocorrer de maneira automática ou igual para todas as crianças. O professor precisa observar quais recursos são mais adequados para determinado estudante, considerando suas necessidades, sua forma de comunicação e seu nível de desenvolvimento. A metodologia deve ser planejada de maneira flexível, permitindo modificações sempre que necessário.

A organização da rotina também precisa considerar que a escola é um espaço dinâmico. Embora a previsibilidade seja importante, acontecimentos inesperados fazem parte do cotidiano escolar. Por isso, é necessário ensinar gradualmente a criança a lidar com pequenas mudanças, utilizando recursos que possibilitem antecipar alterações na rotina. Um cartão indicando “mudança”, “atividade diferente” ou “hoje será diferente” pode ser utilizado como estratégia para preparar o estudante para uma situação nova. Dessa maneira, a rotina estruturada e os recursos visuais podem favorecer não somente a compreensão das atividades, mas também a participação, a autonomia e a segurança da criança no ambiente escolar. Cabe ao professor utilizar esses recursos de forma planejada, avaliando constantemente sua efetividade e realizando adaptações de acordo com as respostas apresentadas pelo estudante.

5.2. Adaptação de Materiais Didáticos e Atividades Práticas

A adaptação dos materiais didáticos constitui outra estratégia importante para favorecer a aprendizagem da criança com TEA. Adaptar uma atividade não significa necessariamente reduzir seus objetivos pedagógicos ou oferecer uma proposta mais simples do que aquela destinada aos demais estudantes. A adaptação consiste, principalmente, em modificar a maneira como o conteúdo é apresentado e como o estudante poderá demonstrar aquilo que aprendeu.

Nesse sentido, existe uma diferença importante entre simplificar uma atividade e torná-la acessível. Simplificar pode significar diminuir a quantidade de informações ou retirar elementos importantes da proposta. Tornar acessível, por outro lado, significa identificar possíveis barreiras e oferecer recursos que permitam ao estudante compreender e realizar a atividade.

A contribuição de Libâneo para a compreensão da didática permite destacar a importância do planejamento, dos objetivos de ensino, dos conteúdos, dos métodos e dos recursos utilizados pelo professor. A prática pedagógica não deve ocorrer de maneira improvisada, pois o processo de ensino exige intencionalidade. Assim, quando uma atividade é adaptada, o professor precisa ter clareza sobre aquilo que pretende desenvolver e selecionar os recursos mais adequados para alcançar esse objetivo. Um exemplo pode ser observado em uma atividade de alfabetização. Se o objetivo é trabalhar o reconhecimento das letras, o professor pode utilizar letras móveis, cartões com imagens, jogos de associação entre letra e palavra ou atividades de pareamento. O recurso utilizado pode mudar, mas o objetivo pedagógico permanece presente.

Da mesma maneira, em uma atividade matemática, o professor pode utilizar objetos concretos, blocos de encaixe, tampinhas, palitos, contadores ou outros materiais manipuláveis para auxiliar a criança na compreensão de conceitos que inicialmente podem parecer abstratos. O uso de recursos concretos possibilita que o estudante estabeleça relações entre aquilo que está manipulando e o conceito que está sendo trabalhado. A perspectiva de Piaget também contribui para pensar a importância da ação da criança sobre os objetos e sobre o conhecimento. A aprendizagem envolve processos de construção que estão relacionados às experiências do sujeito. Assim, atividades práticas podem favorecer a compreensão de determinados conteúdos ao possibilitar que a criança observe, manipule, compare, organize e estabeleça relações.

No caso de crianças com TEA, essas atividades podem ser organizadas em pequenas etapas. Uma proposta extensa pode ser dividida em comandos mais objetivos sequenciais. Em vez de apresentar várias instruções ao mesmo tempo, o professor pode apresentar uma ação por vez, verificando a compreensão do estudante antes de avançar.

Essa organização também favorece a previsibilidade da tarefa. Quando a criança sabe o que precisa fazer primeiro, depois e por último, pode apresentar maior possibilidade de envolvimento com a atividade. Entretanto, é importante destacar que a estratégia deve ser individualizada, pois diferentes crianças podem responder de maneiras distintas ao mesmo recurso. Outro aspecto relevante diz respeito à quantidade de estímulos presentes no material. Alguns estudantes podem apresentar dificuldade para manter a atenção diante de uma folha com muitas informações, imagens ou elementos visuais. Nesse caso, o professor pode organizar a

atividade de forma mais objetiva, reduzindo estímulos desnecessários sem retirar o conteúdo principal. Os materiais estruturados podem, portanto, desempenhar uma função importante no processo de ensino. Jogos de associação, caixas de pareamento, quebra-cabeças, letras móveis, cartões ilustrados, objetos de diferentes texturas e materiais de contagem são exemplos que podem ser utilizados conforme o objetivo da aula.

A utilização desses recursos, entretanto, não deve ocorrer simplesmente porque são considerados adequados para crianças com TEA. O professor precisa observar a resposta individual do estudante. Um material que favorece a aprendizagem de uma criança pode não apresentar a mesma eficácia para outra. Por essa razão, a observação e a avaliação contínua são indispensáveis. A partir dessa perspectiva, a adaptação pedagógica pode ser compreendida como parte do trabalho docente e não como uma atividade separada do planejamento. O professor precisa conhecer o objetivo da proposta, identificar as possíveis barreiras à participação e buscar diferentes caminhos para possibilitar a aprendizagem.

5.3. Interesses Específicos Como Ponto de Partida para a Aprendizagem

Outro aspecto que pode ser considerado no planejamento pedagógico é o interesse específico apresentado pela criança. Algumas crianças com TEA demonstram grande envolvimento com determinados assuntos, objetos ou atividades. Esses interesses podem estar relacionados a animais, veículos, números, letras, personagens, desenhos, mapas, músicas, entre outros elementos. O interesse da criança pode ser utilizado pelo professor como ponto de partida para desenvolver diferentes aprendizagens. Isso não significa

restringir todas as atividades ao tema de preferência do estudante, mas utilizar esse interesse como uma possibilidade de aproximação com os conteúdos trabalhados.

Por exemplo, uma criança que demonstra grande interesse por dinossauros pode realizar atividades de contagem utilizando figuras desses animais. Em uma proposta de alfabetização, os nomes dos dinossauros podem ser utilizados para trabalhar letras, sílabas e formação de palavras. Em atividades de desenho e pintura, o mesmo tema pode ser utilizado para estimular a expressão artística. Dessa forma, o interesse da criança pode funcionar como um elemento motivador para sua participação. O professor parte de algo que já desperta sua atenção para apresentar novos conhecimentos. Essa estratégia está relacionada à necessidade de considerar os conhecimentos e experiências do estudante no planejamento das situações de aprendizagem.

A perspectiva de Vygotsky permite compreender que o processo de aprendizagem acontece por meio da interação e da mediação. O professor pode utilizar aquilo que já faz parte do universo da criança como instrumento para ampliar suas possibilidades de desenvolvimento.

O conhecimento não precisa ser apresentado de maneira totalmente distante da realidade do estudante; ao contrário, pode ser construído a partir de experiências que façam sentido para ele.

Piaget também contribui para essa discussão ao destacar a importância da atividade do sujeito na construção do conhecimento. A criança não ocupa uma posição passiva diante da aprendizagem. Ela interage com objetos, situações e pessoas e, a

partir dessas experiências, constrói conhecimentos progressivamente. Assim, ao identificar um interesse específico, o professor pode planejar situações nas quais a criança tenha oportunidade de participar, explorar, comparar, classificar, comunicar e solucionar problemas. O interesse deixa de ser visto apenas como uma preferência e passa a constituir uma possibilidade pedagógica.

É importante, contudo, que o professor tenha cuidado para não transformar o interesse da criança em uma limitação. Se o estudante gosta de determinado personagem, por exemplo, não é necessário utilizar esse personagem em todas as atividades. O objetivo é utilizar o interesse como uma ponte para ampliar experiências e apresentar novos conteúdos. Nesse sentido, a metodologia pedagógica precisa ser flexível. O professor observa aquilo que desperta o envolvimento do estudante e utiliza essa informação para construir estratégias de ensino. Ao mesmo tempo, amplia gradativamente as experiências da criança, proporcionando contato com diferentes conteúdos, materiais, colegas e situações.

O uso dos interesses específicos também pode favorecer a interação social. Uma atividade relacionada ao assunto de interesse da criança pode ser organizada em pequenos grupos, possibilitando que outros estudantes participem, façam perguntas, compartilhem materiais e desenvolvam experiências coletivas. Portanto, considerar os interesses da criança no planejamento não significa oferecer atividades exclusivamente baseadas em suas preferências. Significa reconhecer que aquilo que desperta seu interesse pode ser utilizado como recurso para aproximá-la do conhecimento e ampliar sua participação nas experiências escolares.

5.4. Trabalho Colaborativo Entre Sala Regular, AEE e Família

A aprendizagem da criança com TEA não depende exclusivamente da atuação individual do professor da sala regular. Para que as estratégias pedagógicas sejam mais coerentes e significativas, é importante que exista diálogo entre os profissionais que acompanham o estudante e sua família. Nesse contexto, o trabalho colaborativo constitui uma importante estratégia para compreender as necessidades da criança e planejar ações pedagógicas. O professor da sala regular possui informações sobre a participação do estudante no cotidiano da turma, enquanto outros profissionais podem contribuir com diferentes observações e estratégias. A família, por sua vez, possui conhecimentos importantes sobre a criança, seus interesses, suas formas de comunicação e suas características no cotidiano.

Santos Filho e Castelo Branco (2023), em revisão integrativa de pesquisas brasileiras, organizaram os resultados em eixos referentes à formação continuada docente, aos recursos utilizados na inclusão escolar e aos desafios desse processo. A discussão destaca a importância das relações estabelecidas na escola, das práticas de ensino e do enfrentamento de barreiras atitudinais, elementos que reforçam a necessidade de uma atuação institucional articulada.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) também pode contribuir para a organização de recursos e estratégias que favoreçam a participação do estudante. O trabalho realizado no atendimento especializado precisa estar articulado ao processo educacional, de modo que os recursos e estratégias desenvolvidos possam contribuir para a participação da criança nas atividades escolares. A parceria entre os profissionais não significa que cada um

deverá realizar seu trabalho de forma isolada. Ao contrário, é necessário estabelecer comunicação para compartilhar observações, dificuldades, avanços e possibilidades. O diálogo contribui para que as estratégias utilizadas apresentem maior continuidade e coerência.

A família também deve fazer parte desse processo. A comunicação com os responsáveis permite ao professor conhecer melhor aspectos da criança que nem sempre são observados no ambiente escolar. Informações sobre interesses, formas de comunicação, preferências e situações que favorecem ou dificultam sua participação podem contribuir para o planejamento pedagógico. Uma possibilidade de comunicação é a utilização de registros ou diários de acompanhamento. Neles, podem ser registradas informações relacionadas à participação da criança, às atividades realizadas, aos recursos utilizados e às respostas apresentadas. Esses registros podem auxiliar o professor a identificar quais estratégias estão funcionando e quais precisam ser modificadas.

Essa perspectiva está relacionada à compreensão de Vygotsky sobre a importância das relações sociais no desenvolvimento. A criança aprende e se desenvolve em interação com outras pessoas, sendo necessário compreender o contexto no qual está inserida. Portanto, a ação educativa não deve considerar somente as características individuais do estudante, mas também as relações e condições presentes no ambiente. As contribuições de Zilma de Oliveira também permitem destacar a importância de proporcionar à criança experiências educativas que considerem suas características e necessidades de desenvolvimento. O ambiente escolar precisa ser organizado para possibilitar experiências de interação, exploração e aprendizagem.

O planejamento coletivo também pode favorecer a definição de objetivos mais adequados para o estudante. Quando os profissionais e a família compartilham informações, torna-se possível estabelecer prioridades e acompanhar o desenvolvimento da criança de maneira mais sistemática. Nesse processo, o Plano de Desenvolvimento Individualizado (PDI) pode constituir um instrumento de organização das ações pedagógicas. Sua elaboração deve considerar as características, potencialidades, necessidades e objetivos de aprendizagem do estudante. Mais do que um documento, deve funcionar como referência para orientar as práticas e acompanhar os avanços.

É importante ressaltar que o trabalho colaborativo não significa esperar que outros profissionais ofereçam ao professor uma metodologia pronta. O professor continua sendo responsável pelo planejamento e pela organização de suas práticas, mas passa a contar com diferentes contribuições para compreender melhor o estudante. A colaboração também pode contribuir para evitar práticas baseadas em tentativas aleatórias. Ao registrar as estratégias utilizadas e suas respostas, os profissionais podem analisar o que favoreceu a participação da criança e quais mudanças são necessárias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão desenvolvida permite compreender que o professor ocupa posição central na construção de práticas pedagógicas inclusivas, pois é responsável por planejar, organizar, acompanhar e avaliar situações de aprendizagem que considerem as características e potencialidades de cada criança. As contribuições teóricas discutidas reforçam a importância da interação, da

experiência, da mediação e da intencionalidade pedagógica no desenvolvimento infantil.

No trabalho com crianças com TEA, recursos visuais, rotinas compreensíveis, materiais acessíveis, atividades práticas e interesses individuais podem ampliar as possibilidades de participação. Entretanto, essas estratégias não devem ser aplicadas de maneira padronizada: sua pertinência precisa ser observada e avaliada continuamente. A adaptação pedagógica deve remover barreiras sem retirar do estudante oportunidades de acesso aos conhecimentos e ao currículo.

Também se destaca a importância do diálogo entre professor da sala regular, profissionais do Atendimento Educacional Especializado e família. A troca de informações e o acompanhamento dos avanços contribuem para a continuidade das ações e para decisões pedagógicas mais fundamentadas. Assim, a inclusão não se resume à matrícula ou à presença física da criança na escola; exige participação efetiva, respeito às diferenças e condições concretas de aprendizagem.

Como limite, este estudo apresenta uma discussão bibliográfica e não permite afirmar a eficácia de uma estratégia específica para todas as crianças. Pesquisas futuras podem aprofundar a temática por meio de estudos de campo, observações pedagógicas e relatos sistematizados de práticas inclusivas, respeitando os procedimentos éticos aplicáveis. Conclui-se que uma educação inclusiva de qualidade depende de formação docente, planejamento flexível, avaliação processual e compromisso institucional com a aprendizagem de todos os estudantes. Os estudos específicos incorporados ampliam o diálogo com a literatura sobre autismo, mas

seus desenhos metodológicos e contextos distintos impedem a generalização automática de resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cabral, Cristiane Soares; Marin, Angela Helena. Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 33, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-4698142079.

Finatto, Mariele; Schmidt, Carlo. Práticas pedagógicas para alunos com autismo: uma análise à luz das práticas baseadas em evidências. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 21, n. 52, 2025. DOI: https://doi.org/10.22481/praxisedu.v21i52.13618

Libâneo, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

Oliveira, Zilma de Moraes Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

Piaget, Jean. Psicologia e pedagogia. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

Santos Filho, José Antônio dos; Castelo Branco, Paulo Coelho. Transtorno do espectro autista e educação inclusiva: revisão integrativa de literatura. Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, v. 10, n. 25, 2023. DOI: https://doi.org/10.55028/pdres.v10i25.18704

Vygotsky, Lev Semionovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Weizenmann, Luana Stela; Pezzi, Fernanda Aparecida Szareski; Zanon, Regina Basso. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-35392020217841

---

[1] Graduanda em Licenciatura em Pedagogia. Centro Universitário de Goiatuba (UNICERRADO). Goiatuba–Goiás, Brasil. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia. Centro Universitário de Goiatuba (UNICERRADO). Goiatuba–Goiás, Brasil. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail